

A Exposição que Salvou os 500 Anos

Alfredo Valladão

Uma exposição redimiu as fracassadas celebrações dos 500 anos da descoberta do Brasil. Em São Paulo, no parque do Ibirapuera, aconteceu algo inédito e louvável: contou-se a história do Brasil das mil diversidades, do índio, do negro, do branco e do mestiço. Com todos os olhares.

As atribuições das homenagens e actos comemorativos dos quinhentos anos da descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral dão ares de parábola em prol do neo-liberalismo. Ficou tristemente claro para o país inteiro que as custosas celebrações oficiais, com os seus discursos empolados e ociosos, as suas caravelas de papel machê, a sua utilização estreitamente politizante por todas as forças políticas e lobbies da direita como da esquerda, foram um fiasco que roçou o ridículo. Um anti-clímax que só fez ressaltar a beleza, a eficiência, a fineza e a utilidade social da extraordinária exposição "Brasil-500 anos (mostra do redescobrimento)", no parque do Ibirapuera em São Paulo, concebida e financiada pelo Banco Santos e várias outras companhias privadas.

Nunca houve na história do Brasil evento que mergulhasse tão fundo, de maneira tão exaustiva, não só nas origens da nacionalidade, mas sobretudo neste processo de construção permanente, de amálgama criativa de mil diversidades, de abertura despreocupada a todos os ventos que é o ser brasileiro. Antes de tudo a forma, perfeitamente congruente com o discurso: vários módulos, espalhados nos diversos edifícios do parque, provocando uma circulação aleatória e rica entre o erudito e o popular, entre os negros, os índios, os brancos, os mestiços, entre o barroco e o contemporâneo, entre a maciça paisagem do Brasil e o olhar do Outro, do estrangeiro que também construiu o olho brasileiro.

As horas de caminhada neste labirinto são uma perambulação física, um corpo a corpo com esta identidade múltipla, formada pelo múltiplo. Até a polémica — um tanto pernóstica — sobre o visual e a organização decididamente não canónica da exposição veio ilustrar um traço peculiar da cultura brasileira: a ousadia na inovação constante, acoplada à consciência dolorosa de jamais conseguir enquadrar-se plenamente nos supostos padrões de bom gosto que as elites nacionais tanto admiram na cultura clássica europeia. Confiar a mostra a cenógrafos, prescindindo dos museólogos, foi mais do que um achado, a condição para que todos e qualquer um, de qualquer idade, educação ou meio social pudessem ter acesso a esta viagem sensível e pedagógica (termo e preocupação odiada pelos pedantes) dentro do próprio "eu" colectivo.

O entusiasmo do público pôs um ponto final na discussão: desde já, "Brasil 500 anos" bateu o recorde mundial do número de visitantes. As centenas de milhares de crianças, classes e colégios inteiros guiados pelos seus professores, cada um com a sua sensibilidade social ou política, com a sua maior ou menor cultura, transformaram a exposição na maior aula de história, antropologia, sociologia, arte.... da história do Brasil.

Tudo aquilo que as celebrações oficiais deveriam ter feito aconteceu no Ibirapuera. E principalmente deu o gosto da história a um país que nunca ligou seriamente a este assunto. Não a história oficializada, aquela sucessão de mitos maçantes

recitados mecanicamente nas salas de aula ou nos museus empoeirados bem mal tratados pelas Secretarias de Cultura. Mas sim uma história viva, problemática, fugindo a todos os maniqueísmos e chavões, acessível, ao mesmo tempo erudita e dando que pensar a todos. É difícil distinguir um ponto forte — são tantos — mas a parte dedicada à contribuição dos negros à nacionalidade é sem dúvida um dos momentos-chave da exposição. Com infinita inteligência e delicadeza, o organizador conseguiu evitar os dois perigos opostos da complacência com o discurso do "homem cordial" brasileiro que nega o sofrimento do negro ou até que haja racismo nas relações sociais do país, e os radicalismos culturalistas politicamente correct que recusam o lado positivo da miscigenação brasileira e acabam por lutar — ainda sendo muito minoritários felizmente — por um racismo às avessas.

O negro no Brasil, escravo, mal liberto, pobre nas favelas urbanas é mostrado na sua fraqueza, mas também na sua força. Não é mais um objecto, nem do senhor de engenho, nem do sociólogo marxista. Adquire carne e osso, num corpo a corpo desigual mas subtilmente forte com o europeu ou o índio. Visões brancas do negro, mas também visões negras do branco, e a antropofagia cultural que criou os traços tão africanos da identidade nacional. Nem vítima nem herói: protagonista da própria história e da história colectiva, com ou sem grilhões.

Esta parte da mostra deveria ser apresentada ao mundo inteiro, como lição de como se deve e se pode manejar a relação com o Outro. E não se trata de tolerância — "existem casas para isto", dizia o general De Gaulle —, atitude seca onde as diferenças se cristalizam em fronteiras civilizadas para que justamente não haja perigo de "contaminação": todos merecem respeito, mas eu aqui e tu ali. Antes pelo contrário, a experiência brasileira é o transpor das barreiras, é aceitar que o estranho, o alienígena, seja incorporado e digerido, que a identidade seja uma obra em construção permanente, mutante, com o Outro, para si e para o Outro.

Do índio a mostra evidencia, na acumulação esplendorosa dos artefactos, a exuberante diversidade. Mais uma vez foge-se ao chavão, às categorias do olhar unívoco do conquistador. Como o negro, o índio não é um. Costumes, trances, sabedorias, estéticas, tudo marca e diferencia. Nada de culturalismos abstractos que põem todos os grupos indígenas no mesmo saco para fins reivindicativos, reduzindo os primeiros habitantes do Pindorama a simples objectos da tragédia da conquista e cuja a identidade só poderia expressar-se na relação ao branco exterminador. Aqui regressa-se ao protagonista, às lutas e alianças entre tribos e nações, aos pactos de conveniência com os bandos dos primeiros colonos portugueses contra outros inimigos nativos. As transacções de poder, os casamentos estratégicos, a invocação dos deuses da guerra e da paz, enfim homens activos, tomando decisões, apostando e arriscando. Perderam a vida e a liberdade não há dúvida, nem todos da mesma maneira, mas cada cultura indígena deixou as suas mossas no corpo antropófago da identidade nacional.

"A transformação permanente do tabu em totem", escrevia Oswald de Andrade para descrever o processo criativo e formador da personalidade brasileira. Mais do que uma xenofilia trata-se de uma heterofilia, da paixão pelo outro, pelo diferente, pela mistura criativa, a miscigenação cultural, física, mental e sentimental como engenharia da própria e forte identidade. Tabu e totem, a exposição "Brasil-500 anos" abriu este horizonte pelo contraste cúmplice de duas cenografias: a pujança de duas artes, o naïf popular, uma explosão tranquila da imaginação, e a aventura sofisticada e singela do barroco brasileiro. Nos dois casos a visita é peregrinação, labirintos de cores, máscaras, carrancas, objectos quotidianos, indumentárias para sérios festejos, volutas, santos extáticos ou pura e docemente humanos, talhados por mãos mestiças, os primeiros artistas realmente da terra. A arte dos humildes na sua versão espontânea e no seu fulgor de ouros semi-pagãos, semi-cristãos.

Do simples artesanato trabalhando formas tradicionais ou criando lampejos de novos mundos até à estética de couro rude do cangaço, a mostra impõe o sentido da arte popular brasileira pela acumulação de objectos, pletora barroca. Um cenário que chama e contrasta com o da mostra do Barroco, feita de sobriedade e rigor, com suas estátuas catalogadas precisamente, região por região, e perdidas num imenso décor de campos de flores artificiais.

E a ideia maravilhosa, aquela que permite penetrar no mistério altivo da fé barroca brasileira: o som. Não os órgãos, não os tradicionais cravo e flauta das composições do século XVIII, mas o som do batuque dos negros à porta das Igrejas, das ladainhas das procissões, da voz de Betânia num sermão do Padre Vieira ou num poema de Gregório de Matos. Um barroco para as crianças, os passantes, o povo que o faz e o vive — com até uma colher de chá para os eruditos e especialistas.

E por fim a sóbria e intimista exposição do olhar estrangeiro, dos artistas viajantes que criaram a paisagem brasileira para os olhos dos autóctones : Franz Post, Debret, Rugendas... Retratos da sociedade, das terras, dos horizontes, o Brasil como infinito, ilha tropical luxuriante e triste, sem limites. Foram estes artistas que, primeiro, interiorizaram na alma nacional a força da natureza e das terras sem fim, partes constituintes da identidade brasileira, este excesso de geografia nas páginas exaltadas de Euclides da Cunha que o poeta, empresário e diplomata Augusto Frederico Schmidt tanto carregou e lamentou : "Não quero mais Brasil/ Não quero mais geografia".

Última pirueta antropófaga, a abertura do Brasil ao mundo, a vontade evidente de sair de si mesmo, de mostrar que o Outro está convidado à mesa e faz parte do banquete. Brasil mestiço, híbrido, criativo, sem medo de perder a identidade, pronto para a grande aventura da mundialização do século XXI onde todas as culturas estão condenadas a dialogar, a dar e receber e a transmutarem-se. Um mundo onde os delírios de pureza étnica e cultural, com os seus séquitos de violências e massacres, não deveriam fazer sentido nunca mais. Esta mensagem de optimismo sem arrogância, de confiança simples sem pretensões, nem proféticas nem catequéticas, é a principal, senão a única que os brasileiros podem lançar a si mesmos e ao resto da humanidade. A mostra "Brasil-500 anos" do Ibirapuera realizou este feito e salvou o aniversário da mediocridade da classe política e administrativa nacional. Vivas para ele e felicidades à exposição nos seus próximos périplos pelo planeta.